



O BARRO É DA COR DA MINHA PELE, EU ESCORREGO FORTE E NINGUÉM VÊ: O BRINCAR E AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO DAS CRIANÇAS AMAZONENSES COM A NATUREZA

The clay is the color of my skin, I slip hard and no one sees”: the play and the relationships of belonging of Amazonian children with nature

Elaine Rachel de Oliveira MARTINS

GEPICE/FaE
Universidade do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

elainerachel18@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6442-277X> 

Ana Paula Braz MALETTA

DEPEA/PPGE/FaE
Universidade do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

ana.maletta@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0002-3253-3990> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Escorregar no barro, brincar na terra, mergulhar no rio, pendurar-se nas árvores, é onde brota o aprendizado em que a criança amazonense afirma ser natureza, pois sente o brincar em conexão com a vida. Este artigo decorre de uma pesquisa de mestrado realizada com crianças de 4 e 5 anos da comunidade Betel, situada no interior do Amazonas. Ancorada na etnografia em movimento e nos estudos interdisciplinares da Infância, esse recorte tem como objetivo compartilhar como o brincar com a natureza configura formas de pertencimento e produção cultural na infância amazônica. As crianças foram consideradas copesquisadores e utilizaram fotos, vídeos e conversas como formas de expressão de seus saberes e culturas. Os resultados revelam que escorregar no barro, mergulhar no rio e subir em árvores não são apenas brincadeiras, mas formas de afirmar pertencimento, cultura e identidade. O estudo valoriza o brincar como prática cultural e como expressão da relação entre corpo, território e natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Criança Amazonense. Natureza. Brincar. Vivência. Experiência.

ABSTRACT

Slipping on the mud, playing in the dirt, diving into the river, hanging from the trees, is where the learning that the Amazonian child claims to be nature emerges, as they feel play is connected to life. This article is based on a master's degree study carried out with 4- and 5-year-old children from the Betel community, located in the interior of Amazonas. Anchored in ethnography in movement and interdisciplinary studies of childhood, this study aims to share how playing with nature shapes forms of belonging and cultural production in Amazonian childhood. The children were considered co-researchers and used photos, videos and conversations as ways of expressing their knowledge and cultures. The results reveal that sliding in the mud, diving in the river and climbing trees are not just games, but ways of affirming belonging, culture, and identity. The study values play as a cultural practice and as an expression of the relationship between body, territory, and nature.

KEYWORDS: Amazonian Child. Nature. Play. Perception. Experience.

INTRODUÇÃO

A partir da ideia de que as crianças têm muito a nos ensinar sobre seus modos de vida, sua cultura e o território em que vivem é que adentramos a Amazônia, especificamente a Amazônia da Comunidade Betel, no estado do Amazonas, município de Boa Vista do Ramos, onde foi realizado este estudo. As crianças que vivem na zona rural têm experiências diferentes das que moram na cidade. Vivem em contato direto com a natureza, em florestas ou matas, junto a rios ou campos (Kishimoto, 2010, p. 15).

Quando analisado a partir de contextos geográficos e culturais específicos, como os territórios amazônicos, o brincar revela formas particulares de relação com o ambiente. Para Andrade e Pacheco (2016, p. 110), “as práticas culturais da criança ribeirinha são marcadas por suas vivências no ato de brincar, nas quais a natureza não é apenas cenário, mas elemento ativo que participa da construção das experiências infantis, com seus pares, com os adultos e com a natureza”.

Compreende-se que o principal direito da criança é o brincar e os rios e igarapés amazônicos lhe oportunizam uma gama de possibilidades de inventar, reinventar modos de brincar, aprender e desenvolver-se de maneira prazerosa. Esta relação se faz presente no cotidiano das crianças ribeirinhas, a partir de suas vivências e experiências construídas em seu território.

Na Amazônia, o rio, a floresta, o barro, os animais e outros elementos naturais se tornam matéria-prima para a invenção de brincadeiras, espaços de exploração e territórios de imaginação. Como demonstram Andrade e Pacheco (2016), as infâncias amazônicas vivenciam o brincar de maneira profundamente entrelaçada com a paisagem, com o modo de vida ribeirinho e com os saberes tradicionais que atravessam gerações. Essa relação estreita entre criança e natureza configura formas de pertencimento, nas quais o território deixa de ser apenas um espaço físico para se tornar lugar de experiências, de memória e de produção cultural.

Embora haja um avanço nas pesquisas que buscam compreender as relações entre infância, natureza e cultura ribeirinha na Amazônia (Lima; Souza, 2021), ainda são escassos os estudos que se debruçam sobre as formas de brincar das crianças na região, especialmente no que diz respeito às dimensões culturais, sociais e afetivas que envolvem essas práticas lúdicas. Como alertam autores amazônidas, Azevedo (2024) e Lima e Souza (2021), existe uma necessidade urgente de olhar para as infâncias da região a partir de suas especificidades, rompendo com perspectivas homogêneas e

generalistas que, historicamente, invisibilizaram a diversidade de experiências infantis nos territórios amazônicos.

Considerando tais aspectos, vê-se que, apesar do surgimento de estudos acerca do crescimento das pesquisas que tratam das relações entre as crianças e a natureza, ainda são escassos os estudos que abordam de forma aprofundada a cultura lúdica das infâncias amazônicas e suas interações com os elementos naturais do território. Essa lacuna reforça a importância de investigações que considerem as especificidades culturais, ambientais e sociais que atravessam o brincar na Amazônia. Num contexto onde as tecnologias estão ausentes, o uso das máquinas fotográficas e filmadora, pelas crianças, reforça a condição delas de copesquisadoras no processo de produção de conhecimento, possibilitando a elas apreender e narrar a realidade sob uma perspectiva única. Portanto, para compreender os modos que as crianças têm de apreender os saberes da natureza e da cultura, é essencial contribuir com a valorização de suas experiências e romper com visões homogeneizadoras que pouco dialogam com as realidades amazônicas. Assim, o presente estudo possibilitou lançar novos olhares sobre o brincar como expressão de pertencimento, de identidade e de resistência cultural das infâncias na floresta.

Neste contexto, o estudo compartilha reflexões sobre como o brincar com a natureza configura formas de pertencimento e produção cultural na infância amazônica. Mais do que registrar práticas lúdicas, busca-se compreender como as crianças se relacionam com os elementos naturais do território, atribuindo significados, ressignificando saberes e afirmando suas identidades culturais. Dar visibilidade a essas experiências significa também contribuir para a valorização da diversidade das infâncias brasileiras e para o fortalecimento de uma educação que respeite e dialogue com os contextos socioculturais das crianças amazônicas.

METODOLOGIA

O presente artigo decorre de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da etnografia em movimento (Müller e Souza, 2023), realizada com crianças entre 4 e 5 anos, que vivem na comunidade Betel, localizada no município de Boa Vista do Ramos/AM, com distância de 272 km em linha reta e 396 km por via fluvial da capital Manaus. A investigação teve como principal objetivo analisar em que medida as experiências e vivências de crianças amazonenses da Comunidade Betel, Boa Vista do Ramos/AM, no percurso entre casa-escola-casa feito

através de canoas, voadeiras e bajaranas, integram ou não o currículo e as práticas pedagógicas da educação infantil. As crianças foram consideradas copesquisadoras, sendo envolvidas em todas as etapas de produção de dados. Para tanto, foi utilizada ferramenta metodológica que privilegiasse o olhar das crianças sobre as suas próprias experiências de brincar e habitar o território, qual seja: a observação participante. O enfoque metodológico da etnografia em movimento possibilitou uma aproximação entre a pesquisadora e as crianças, favorecendo o processo de produção de dados a partir da própria realidade (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023), compreendendo a investigação como um processo dialógico e fluido, pela característica própria da infância baseada no movimento, no ato de deslocar-se junto, como uma maneira única de estar com as crianças. Muller e Souza (2023), defendem a etnografia em movimento como uma proposta a ser perseguida quando o foco da investigação está no deslocamento, em contraste com as etnografias clássicas, que nascem sob os moldes das comunidades tribais, em geral, fixadas geográfica e espacialmente.

A pesquisa foi realizada no ano de 2023, durante os meses de abril, maio e junho, no período da manhã. As crianças foram acompanhadas no transporte fluvial escolar, junto aos transportadores que utilizavam canoa, bajara e voadeira, para levá-las e buscá-las em suas casas ou pontos estratégicos.

No retorno da escola para suas casas, aconteceram conversas informais sobre o brincar e a sua relação de pertencimento com a natureza – elas afirmam ser natureza pois brincam e fazem parte deste contexto. A observação participante, definida por Marques (2016) como uma técnica que permite ao pesquisador descrever aspectos minuciosos, verbais ou não verbais, sobre a realidade investigada, exigiu um contato contínuo e direto com os participantes da pesquisa, acompanhando situações, eventos e cenas que ocorrem no cotidiano escolar. Para tanto, foi realizado um processo cuidadoso de diálogo com as crianças copesquisadoras, que foram envolvidas nas etapas de produção de dados por meio de observações participantes, conversas informais, registros fotográficos e audiovisuais realizados por elas próprias.

Para garantir a participação voluntária e consciente, foram solicitados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos responsáveis legais pelas crianças. No caso delas, respeitou-se o direito ao assentimento, que foi acontecendo no dia a dia, compreendendo e acolhendo o tempo de cada uma para consentir sua participação de forma voluntária, durante as interações cotidianas. Todo esse cuidado visou assegurar o cumprimento das exigências éticas previstas para pesquisas com crianças, com

atenção especial à proteção, à escuta ativa e ao reconhecimento da autonomia dos participantes envolvidos.

INFÂNCIAS, CULTURA E NATUREZA: UMA PERSPECTIVA AMAZÔNICA

Compreender as infâncias amazônicas implica reconhecer que elas se constituem em estreita relação com o território, a cultura e a natureza, dimensões indissociáveis na experiência de ser criança na região. Nesse sentido, este estudo ancora-se em três eixos conceituais fundamentais: a infância como construção social e plural, o brincar como prática cultural e a natureza como território de produção de sentidos. Ao articular esses elementos, busca-se romper com perspectivas universalizantes e autocêntricas que tendem a homogeneizar as experiências infantis, desconsiderando suas especificidades socioculturais. Assim, a infância amazônica é compreendida como um fenômeno situado, atravessado por relações históricas, simbólicas e territoriais, no qual o brincar emerge como linguagem, experiência e forma de pertencimento: “*O barro é da cor da minha pele, eu escorrego forte e ninguém vê. Vou jogar água, vai ficar liso, vou cavar muito e escorregar que nem um raio e fico todo cheio do barro, ninguém vai me ver*” (Geovan, 4 anos; 24/05/2023).

Tomamos como ponto de partida para delimitar o enquadramento teórico neste trabalho, a voz de Geovan, uma das crianças participantes da pesquisa que ecoa na floresta. Às margens do igarapé, o barro vira tinta e disfarce; o corpo pequeno se integra ao território, produzindo riso, pertença e invisibilidade, pois a criança acredita se tornar invisível ao estar toda coberta pelo barro.

Nesse sentido, adota-se neste estudo uma perspectiva de infância plural (Sarmiento, 2005; Andrade e Pacheco, 2016; Müller e Souza, 2023), que reconhece a diversidade de modos de ser, estar e viver das crianças em diferentes contextos socioculturais. Tal compreensão rompe com modelos homogêneos de infância, permitindo visibilizar experiências situadas, como aquelas vividas pelas crianças amazônicas, cujas práticas e saberes se constituem em diálogo permanente com o território e com a natureza.

A infância aqui se revela como na geografia da infância — marcada por corpos que sentem o frio do barro, o peso da água e a textura da terra — e geográfica, pois acontece em lugares específicos, carregados de sentidos, memórias e afetos. Como afirma Lopes (2008, p. 67), “[...] a geografia vivida pelas crianças é construída a partir da materialidade de seus corpos e das interações que estabelecem com os espaços por

onde circulam”. Essa relação não é apenas de deslocamento físico, mas de produção de sentidos, de invenção de territórios afetivos e de experiências que se moldam ao ritmo da natureza amazônica.

A infância ribeirinha se constrói no corpo, no chão e nas águas. É uma infância que acontece ao ar livre, no respirar e sentir o ambiente em que vivem, em contato direto com os elementos da natureza, onde o brincar é atravessado por cheiros de terra molhada, sons de pássaros e texturas de barro. O território não é apenas um cenário para essas vivências, mas um espaço ativo de produção de sentidos e de pertencimento. Conforme destaca Lopes (2008), as crianças constroem suas geografias a partir das interações com o ambiente, ressignificando cotidianamente os lugares por onde circulam. Brincar com o barro, por exemplo, é mais do que uma atividade lúdica; é um gesto de afirmação identitária, uma forma de experimentar os limites do corpo e da paisagem, criando vínculos afetivos com o território. Nesse contexto, o brincar se transforma em linguagem, em narrativa viva, como revelam as conversas informais a seguir, em uma tarde de pesquisa às margens de um igarapé:

Foto 1 – Eu escorrego forte



Fonte: Pesquisadora (2023).

Foto 2 – O barro é da cor da minha pele



Fonte: Pesquisadora (2023).

Pesquisadora: - Ei, que brincadeira boa é essa. O que você está fazendo nessa água com barro?

Geovan: (rindo, com os olhos brilhando): - Tô escorregando, e fazendo caminhos! Olha... (mostra os braços todos cobertos de barro) Eu fico assim... da cor do barro... o barro é da cor da minha pele... Eu escorrego forte, e ninguém vê!

Pesquisadora: - Como assim? Você fica invisível?

Geovan: - Fico sim! Igual jacaré do igapó... os jacarés que se escondem na beira do rio, só o olho fica brilhando... (faz um olhar pensativo, e com rapidez se joga no barro escorregando até o rio).

Pesquisadora: - Que bacana! E por que você gosta de brincar assim?

Geovan: - Porque sim... o barro é gelado... é bom passar no corpo todo... nós brinca de fazer pintura eu e a Geovana... minha mãe diz que é bom pra pele... nós faz fogareiro pra assar peixe, panela pra fazer comida... E quando o barro seca... fica parecendo casca de árvore! Olha aqui ó... (mostra os braços com o barro começando a rachar)

Pesquisadora: - E tua mãe deixa vocês ficarem sozinhos na margem do rio?

Geovan: - Sim! Ela diz que nós sabe nadar e que é brincadeira de criança, que ela brincava muito quando era bem pequenininha na beira do rio... Que é pra nós saber brincar sem brigar... Que barro tem cheiro bom... cheiro de terra molhada...

Pesquisadora: - E quando chove, o que acontece?

Geovan: - Aí vira lama! Nós escorrega até! Eu corro... eu caio... eu levanto... fico da cor do barro... Fica tudo marrom! Igual o chão da mata...

Pesquisadora: — E você gosta disso?

Geovan: - Gosto muito... porque o barro me esconde... Me pinta tudo... E me faz rir muito, é legal... (**Fonte: Diário de Campo da Pesquisadora, 2023**).

O diálogo com Geovan revela, de maneira sensível e espontânea, como o brincar na Amazônia está diretamente entrelaçado com o território e os elementos naturais. O barro, nesse contexto, deixa de ser apenas matéria física para se tornar extensão da pele, disfarce, proteção e fonte de alegria. A narrativa de Geovan, assim como de outras crianças ribeirinhas, expressa um modo próprio de se relacionar com o espaço: o corpo brincante se funde à paisagem, produzindo significados que só fazem sentido quando vistos a partir de uma escuta atenta às infâncias amazônicas. Essa cena, carregada de sentidos, ilustra o que Lopes (2008) define como “geografias feitas de corpo e movimento, de pequenas resistências e invenções infantis nos espaços onde vivem” (p. 71). Por meio dessa experiência corporal com o barro, a criança desenha sua geografia afetiva, criando marcas simbólicas que permanecerão na memória e que constituem o que chamamos aqui de uma infância territorializada. As marcas de barro no corpo de Geovan não são apenas sujeira passageira, são vestígios de pertencimento, de memória imersa em uma geografia da infância que pulsa em cada risada que ecoa pela floresta e que é atravessada pelas dimensões do espaço-tempo que, ao se agregarem com o grupo social em um determinado território, produzem diferentes formas de ser criança.

Compreender a infância na Amazônia requer uma ruptura com concepções universalistas que muitas vezes invisibilizam as particularidades socioculturais de crianças que crescem em territórios marcados por fortes relações com o meio natural. Segundo Vasconcelos (2024), as infâncias ribeirinhas precisam ser entendidas a partir de suas formas próprias de ser e viver, com brincadeiras que se constroem nas interações com o rio, a floresta, o quintal e os saberes comunitários que atravessam gerações. Essas experiências mostram que o brincar na Amazônia é profundamente atravessado pela geografia local e pelas relações sociais estabelecidas no território.

Na perspectiva da Sociologia da Infância, como destaca Corsaro (2011, p. 33), “as crianças são participantes ativos na produção e determinação de suas próprias culturas, assim como na produção da sociedade em geral”. Assim, reconhecer as crianças amazônicas como sujeitos ativos implica compreender suas formas de brincar como práticas culturais de pertencimento, memória e construção de identidades.

Diante das vozes das crianças, dos territórios amazônicos e das teorizações que reconhecem a infância como um campo plural e culturalmente situado, compreendemos que o brincar na Amazônia transcende as práticas convencionais. Como nos aponta Benjamin (1984), o brincar é um ato de (re)criação que permite às crianças se apropriarem do mundo adulto e dos objetos, atribuindo-lhes novos significados. Ao reconhecer as crianças como sujeitos ativos e produtores de cultura, como propõe Corsaro (2011), reafirmamos a importância de olhar para as infâncias amazônicas em sua singularidade, valorizando os saberes, os fazeres e as experiências que emergem do encontro sensível entre criança e natureza.

O BRINCAR COMO PRODUÇÃO DE CULTURA E IDENTIDADE DA CRIANÇA AMAZONENSE

O brincar, além de ser uma vivência comum na infância, também pode ser considerado uma linguagem própria das crianças na medida em que, ao brincar, elas produzem cultura e fortalecem a construção de suas identidades.

Além disso, as crianças amazônicas constroem suas culturas da infância em diálogo com os modos de vida de suas comunidades, marcados pela relação cotidiana com o rio, a floresta e os saberes tradicionais transmitidos entre gerações, ao mesmo tempo em que incorporam, ainda que de forma desigual, influências de contextos urbanos. Essas infâncias se caracterizam por experiências corporais intensas, pelo uso criativo de elementos da natureza como suporte para o brincar e por uma aprendizagem que se dá no fazer, no observar e no conviver, evidenciando formas próprias de significar o mundo e de elaborar suas experiências (Mubarac Sobrinho, 2016, p. 191).

No contexto amazônico, isso significa reconhecer que o brincar infantil é atravessado por elementos da cultura ribeirinha, indígena e cabocla, que coexistem e se entrelaçam nos modos de viver das crianças. Ao brincar com elementos da natureza – seja confeccionando brinquedos com sementes e folhas, pescando com galhos de árvores, pequenas varas de bambu ou mergulhando nos igarapés – as crianças produzem sentidos sobre o mundo, afirmam sua identidade e estabelecem relações

afetivas com o território. Como destaca Silva, “o brincar é visto como um tempo e espaço pertencente à criança e de seu domínio sociocultural e físico-corporal” (Silva, 2020, p. 89).

Essa dimensão do brincar enquanto produção cultural aproxima-se do conceito de infância como um sujeito social ativo, produtor de cultura, como defendem Corsaro (1992) e Sarmiento (2005). As crianças amazônicas não apenas reproduzem modelos de brincadeiras, mas criam e recriam sentidos a partir de suas vivências com a floresta, com os rios e com a cultura de suas comunidades.

Uma tarde ensolarada, o quintal de terra batida em meio a roupas estendidas, canteiros, forno de lenha e árvores frondosas, tornou-se palco de invenções e desafios. As crianças escalavam os galhos com agilidade e riam alto, diante dos diálogos entre elas.

Enquanto Geovana tentava alcançar um galho mais alto, Geovan gritava:

Geovan: - Olha só como eu subo rápido! Ninguém me pega aqui em cima!

Geovana: - Ah é? Eu só quero é ver, Geovan! Eu também sei subir. Vou te alcançar agora!

Geovan: - Cuidado aí! Essa galha balança muito... Lembra do dia que o Cleutinho caiu? Agora a árvore é um barco! Eu sou o capitão e vocês vão viajar comigo, lá pra cidade fazer o rancho!

Geovana: - Tá bom! Mas ali embaixo é o rio... Quem cair vai ter que nadar! Ou... vai ser comido pela onça!

Geovan: - Tu pensa que eu não sei nadar é... Eu nado é bem lá no fundo... Vamos fingir que a gente tá lá no meio do mato cheio de onça! Quem cair da árvore a onça pega!” (**Fonte: Diário de Campo da Pesquisadora, 2023**).

Foto 3 – “Quem sobe mais rápido ganha!”



Fonte: Pesquisadora (2023).

E assim, diante do receio de não serem atacados pela onça eles permaneciam pendurados nas árvores, entre um galho e outro, entre os risos, gritos e escaladas desajeitadas, a tarde passou rapidamente. As crianças continuaram criando e recriando

mundos, transformando galhos em canoas e barcos, gravetos em canetas, escrevendo e desenhando na terra e neste chão que eles transformavam em rios imaginários e narravam histórias tão cheias de vida, histórias do dia a dia, de suas vivências e experiências.

Esses diálogos mostram a potência criativa das crianças amazônicas em dialogar com o território, a natureza e a cultura local. Quando o Geovan diz: “Tu pensa que eu não sei nadar é... Eu nado é bem lá no fundo... Vamos fingir que a gente tá lá no meio do mato cheio de onça! Quem cair da árvore a onça pega!”, o que se vê é mais que um simples brincar, é a produção de sentidos, de narrativas e de memórias coletivas a partir da relação direta com o ambiente.

As vozes infantis ecoavam, misturando-se ao som do barco, da bajara e dos rabetas que por ali passavam, o vento balançando as folhas e os frutos caindo das árvores no rio, os peixes se alimentando. E as crianças pararam em um instante e correram para ver se o almoço estava pronto, o cheiro do peixe frito as convidava. Neste sentido, as conversas entre as crianças revelam como o brincar, no contexto amazônico, é uma prática de imaginação, resistência e produção de cultura: “Agora a árvore é um barco! Eu sou o capitão e vocês vão viajar comigo, lá pra cidade fazer o rancho!” (Geovan). Como destaca Silva (2020, p. 98), “ao brincar, as crianças amazônicas constroem narrativas próprias, entrelaçando saberes ancestrais, experiências cotidianas e elementos da natureza em suas vivências lúdicas”. Essas práticas reafirmam o vínculo com o território e com os modos de vida que se entrelaçam na floresta, nos rios e nas comunidades.

Diante de todo este cenário do brincar e das relações cotidianas de crianças com a natureza, escalando árvores, construindo brinquedos com elementos naturais e inventando narrativas que misturam rio, animais, floresta e personagens imaginários, é possível afirmar que o brincar nas infâncias amazônicas é um potente processo de produção de cultura e de afirmação identitária. As crianças, ao interagir com o território e com os saberes que circulam na comunidade, como, por exemplo, o conhecimento sobre o uso medicinal das plantas, aprendido nas relações com os mais velhos da comunidade; a capacidade de interpretar os sinais da natureza, como o movimento das águas, o comportamento dos animais e as mudanças no tempo; além dos saberes relacionados às práticas cotidianas, como pescar, plantar e se deslocar pelos rios. Esses conhecimentos, incorporados desde cedo pelas crianças, não se apresentam de forma sistematizada, mas emergem das experiências vividas, sendo continuamente ressignificados no brincar e nas interações com o território. Como destaca Mubarak

Sobrinho (2016, p. 142), “[...] os contextos lúdicos vivenciados pelas crianças funcionam como espaços de criação cultural, onde se atualizam saberes locais e formas próprias de viver a infância”.

Este processo de construção de saberes acontece de forma natural, sem roteiros, em comunidades ribeirinhas onde a luz de poste não chega, quem clareia a vida das crianças é o sol de dia e a lua de noite. Neste universo ribeirinho amazonense não há interferência da televisão, celulares ou tablets, pois na Comunidade Betel não há energia elétrica para ligar eletrônicos, assim como em outras comunidades rurais. As crianças têm a natureza como fonte de vida, a brincadeira nasce do mato, do rio e do que a natureza oferece. As crianças correm descalças nas beiras, fazem boneca de sabugo de milho, inventam carrinho de talo de bananeira, espada de galho de árvore. A diversão é subir em árvore, pescar branquinha, nadar no igarapé e escorregar na lama quando a chuva cai forte. Ali, o tempo passa no compasso do rio e da floresta, e o brincar se mistura com o jeito de viver, sem precisar de brinquedo comprado ou de tela iluminada.

Não significa que as crianças não tenham brinquedos estruturados, muitas delas têm, mas ao observar, ali no campo, percebe-se que é com a natureza que elas têm maior conexão. Então, tudo é aprendizado, tudo é festa, porque a natureza é o maior parque de diversão que elas têm, onde vivem suas aventuras, como nas fotos a seguir.

Foto 4 – O salto da infância amazônica



Fonte: Pesquisadora (2023).

Foto 5 – O brincar nas águas



Fonte: Pesquisadora (2023).

Enquanto a Foto 4 registra o olhar atento de Geovan ao documentar a coragem do irmão, a Foto 5 captura sua própria interação lúdica com a irmã nas águas. Ao perceber o registro, o menino valida a cena: ' - A gente fica aqui todo dia sabiá, eu e minha mana. O rio é nosso lugar de brincar, a mamãe deixa!'. Para as crianças ribeirinhas da Amazônia não se aprende somente escrevendo, se aprende com o corpo inteiro, esse educar tem raízes profundas na natureza, onde o brincar e aprender caminham juntos, com o dia a dia de toda a comunidade,

onde pescar, plantar, fazer biju, com e brincar diariamente são partes essenciais dos conhecimentos transmitidos pela natureza às crianças. O conhecimento não está apenas na sala de aula de quatro paredes e não apenas nos livros, este momento da pesquisa, por exemplo, aconteceu através de um convite de uma das crianças para conhecer onde vive. Após finalizar a aula naquele dia, ao final do percurso no transporte escolar, elas pediram que a pesquisadora ficasse, e ali ela pôde conhecer seus modos de vida, suas brincadeiras, seus modos de ser e estar em seu território.

Nas fotografias, ao ver as crianças pulando de galhos e mergulhando no rio, percebe-se como esse brincar alia coragem e pertencimento porque, como afirmam Brito & Marques (2021, p. 12), “a partir do brincar a criança se insere e produz cultura na comunidade ribeirinha”, evidenciando que o contato com o ambiente é central para a construção coletiva de sentidos, reforçando que essas vivências são também espaços de afirmação identitária e de vínculo com o território.

Para a população ribeirinha, o rio não é apenas um elemento da geografia, mas se configura como um *locus* de trabalho, de sobrevivência e de lazer. Um espaço em que se escreve a história daquele grupo. Para o ribeirinho, o rio tem o sentido que este lhe atribui, é o espaço por onde ele se desloca de um lugar a outro, de onde retira seu sustento, onde se diverte nas suas horas de lazer, onde transita e interage com a vizinhança e a natureza.

BRINCAR DE SER COMANDANTE: MINHA CANOA, MEU RIO, MINHA HISTÓRIA

Para a criança amazônida, o rio é muito mais que um caminho de água: é um território de imaginação, liberdade e descoberta. É na movimentação das águas, entre as correntezas e o banheiro, que elas exploram o brincar, criam formas de aprender e experienciam o mundo que as cerca. A relação com o rio vai além do lazer; faz parte da rotina, da cultura e da identidade local.

Navegar com sua pequena canoa, como a canoa do “comandante” Ruan, que veremos na foto a seguir, brincar de ser canoeiro, remar contra ou a favor da corrente, é também uma maneira de contar histórias, de se reconhecer como parte daquele território. Como dizem os próprios moradores, o rio alimenta o corpo, o espírito e a mãe natureza os protege.

A Foto 6 captura o instante em que Ruan, ao se aproximar da pesquisadora, apresenta orgulhosamente sua canoa. Mais do que um registro visual, a imagem evidencia a materialização do brincar e a apropriação do território por meio da construção do próprio brinquedo. Ao intitular-se ‘comandante’, o menino revela como a imaginação confere sentido à sua realidade, como se observa na interação a seguir:

Foto 6 – “Comandante” Ruan



Fonte: Pesquisadora (2023).

Pesquisadora: - Que canoa bonita, hein! Foi você que fez?

Ruan: - Sim! Eu e meu tio... Ele cortou a madeira ó, e ficou bem-feitinho assim! Mas fui eu que pinteí sozinho. Tá vendo? Azul e amarelo! Ele escreveu comandante Ruan.

Pesquisadora (sorrindo): - Ficou lindo! E você vai brincar com ele aonde?

Ruan: (empolgado): - Lá no igarapé! Vou soltar ele na água e ver se chega do outro lado! Ele vai correndo bem ligeiro, tu vai ver só!

Pesquisadora: - Você sempre faz seus próprios brinquedos?

Ruan: - Sim! As vezes meu pai, o maninho me ajuda... Nós faz barco, faz peixe de madeira... Eu gosto de fazer as coisas pra brincar, as coisas de lata. Aqui a gente inventa tudo. Meu primo tem um que já tá até sem cor de tanto ele brincar, ele também tem um carrinho de lata.

Pesquisadora: - E quando chove, como é? Vocês ainda brincam? Me fala o que vocês fazem...

Ruan: (rindo): - Aí é melhor ainda! Tem banheiro sabia... A água sobe e o barco vai mais longe! A gente corre atrás, pula na água... A mãe fica gritando bem alto: "Sai desse rio menino, vai pegar gripe!" Mas nós continua lá! **(Fonte: Diário de Campo da Pesquisadora, 2023).**

O diálogo entre Ruan e a pesquisadora revela mais do que uma simples conversa sobre um brinquedo: expressa um modo de viver e sentir a Amazônia. Ao mostrar orgulhosamente sua pequena canoa, a criança evidencia o vínculo afetivo com o rio e com o ato de navegar, sonha em ser comandante e aprende desde cedo a lidar com o remo, o banheiro e as correntezas.

Como afirmam Brito e Marques (2021, p. 15), "o brincar das crianças amazônidas está profundamente imerso na relação com os elementos da natureza e com os modos de vida locais". A brincadeira de ser canoeiro não é apenas um jogo simbólico, mas uma experiência corporal e sensível que reflete práticas ancestrais de deslocamento e sobrevivência ribeirinha. Figueiredo e Moraes (2022, p. 22) também destacam que "[...] as crianças, ao imitar os adultos e reinventar suas práticas, constroem aprendizados sobre o ambiente e a cultura onde vivem". A canoa de brinquedo, portanto, se torna extensão da identidade da criança, que, ao brincar com ela, reafirma sua conexão com o território, com o rio e com as memórias de quem veio antes.

Nas águas dos rios, as crianças acumulam memórias e aprendizados transmitidos por suas famílias, como avós e pais, que desde gerações compartilham saberes sobre o cuidado com a floresta e com o rio. Antes de entrar nesses espaços, elas aprendem que é preciso respeitar os encantados que ali habitam, como a "mãe da mata" ou a "mãe do rio", evitando adentrar nesses territórios em horários considerados de risco, como ao meio-dia ou ao entardecer, às 18h. Viver em meio à floresta e aos rios faz com que as crianças amazônicas estabeleçam uma relação íntima com a natureza desde os primeiros anos de vida. Assim como seus pais, que escalam o açazeiro ou usam o rio para pescar e se locomover, elas passam a incorporar essas práticas em seu cotidiano. Como afirma Benjamin (1987), a experiência vivida, transmitida oralmente entre as

gerações, constitui uma forma singular de aprendizado, onde o saber se constrói a partir das histórias e dos gestos repetidos no cotidiano.

BRINQUEDOS QUE NASCEM DA MATA

A liberdade com que as crianças ribeirinhas percorrem os caminhos da mata revela uma profunda construção de pertencimento e produção de sentidos sobre o território. Cada galho, sementes nas trilhas se transforma em cenário para brincadeiras, explorações e invenções, nas quais a natureza deixa de ser apenas um pano de fundo e passa a ser parte ativa das experiências infantis. As crianças, ao interagirem cotidianamente com o ambiente natural, imprimem suas marcas, criando formas próprias de viver e brincar na floresta. Complementando essa perspectiva, Maletta e Silva (2021, p. 429) ressaltam que durante o decorrer da vida daquela criança ela se lembrará de suas vivências e experiências infantis. Assim as experiências infantis são atravessadas por territórios de afeto e pertencimento, construídos a partir das ações que as crianças desenvolvem a partir de suas vivências em relação ao espaço, com seus sons, texturas e caminhos, tornando-os um lugar carregado de significados, onde o brincar é também forma de narrar a vida e reafirmar a identidade.

A cada novo pedaço de madeira que sobra da oficina do pai carpinteiro, nascem possibilidades de brincadeiras que se misturam com o cotidiano e a cultura local. Na Comunidade Betel, as crianças carregam com orgulho suas espadas feitas de madeira, moldadas com cuidado pelas mãos do pai, que transforma galhos e tábuas em brinquedos que alimentam o imaginário infantil. O processo de criação dessas espadas envolve não apenas técnica, mas também afeto e transmissão de saberes. As crianças aprendem desde cedo que da mata não se tira apenas alimento ou abrigo, mas também matéria-prima para a diversão. A madeira, antes um simples pedaço de tronco, ganha forma, cor e significado nas mãos de quem conhece os segredos da carpintaria e entende que o brincar também é feito de herança e pertencimento.



Fonte: Pesquisadora (2023).



Fonte: Pesquisadora (2023).

O momento em que as crianças brincam com espadas de madeira às margens do rio revela como a natureza não é apenas cenário, mas matéria-prima para a invenção e a produção cultural na infância ribeirinha. A madeira retirada da floresta por seu pai transforma-se em espadas que, nas mãos das crianças, ganham vida em narrativas de luta, coragem e imaginação. Essa forma de brincar dialoga diretamente com os saberes tradicionais e com as experiências de seus pais e avós, que também usaram o que a natureza oferecia para suas brincadeiras. Como destaca Silva (2020, p. 87), “as crianças ribeirinhas constroem seus brinquedos a partir do que a natureza lhes oferece, criando formas de brincar que reforçam sua identidade com o lugar onde vivem”. Além disso, Teixeira e Alves (2008, p. 380) observam que, ao utilizarem materiais da natureza para suas brincadeiras, “as crianças ribeirinhas reafirmam sua conexão com a identidade comunitária, usando a floresta e seus recursos para dar forma às suas narrativas lúdicas”. Assim, o simples ato de empunhar uma espada de madeira, correr descalço pela margem e enfrentar os irmãos em lutas simbólicas, se torna uma expressão legítima de cultura, memória e identidade amazônica.

O BRINCAR NA NATUREZA COMO EXPERIÊNCIA DE PERTENCIMENTO E PRODUÇÃO CULTURAL

Os registros construídos ao longo da pesquisa na Comunidade Betel revelaram que o brincar das crianças amazônicas não se limita ao entretenimento. As brincadeiras

vivenciadas entre o barro, os galhos das árvores e as águas do rio são formas de expressão cultural, territorial e identitária. As narrativas orais, os gestos corporais e os brinquedos confeccionados com materiais naturais evidenciam que a infância amazônica é marcada por uma relação de pertencimento com o ambiente.

Ao analisar os diálogos com as crianças, especialmente os relatos sobre o brincar com a canoa e a interação com o rio, compreende-se que a natureza é elemento central nas práticas lúdicas e nos modos de ser e estar das infâncias ribeirinhas. Como afirmam Brito e Marques (2021), as crianças, ao interagirem com os elementos do território, produzem cultura e recriam formas próprias de significar o mundo. A fala do menino Ruan, ao mostrar sua pequena canoa, expressa essa relação de afeto e domínio do rio e seu processo de mudança: ele não apenas brinca com o barco, mas se reconhece como parte do rio.

A cena em que as crianças transformam o quintal em um rio imaginário, pendurando-se nos galhos e criando enredos com onças, reforça o entendimento de Corsaro (1992) sobre a infância como um processo ativo de produção cultural. As crianças reinterpretem os elementos naturais que as cercam, transformando o território em cenário para múltiplas narrativas. Nesse sentido, as práticas lúdicas observadas dialogam com a análise de Silva (2020), que destaca o brincar como um tempo e espaço de domínio físico, cultural e simbólico da criança.

Ao brincar de escorregar no barro ou de atravessar o igarapé com suas canoas artesanais, as crianças atualizam saberes tradicionais, reforçando vínculos com o meio e com os adultos de sua comunidade. Essa transmissão de conhecimentos entre gerações é também descrita por Benjamin (1987), ao tratar da experiência como um saber que se constrói no cotidiano, pelas histórias contadas e pelas ações compartilhadas. As crianças, ao mergulharem no rio ou ao desafiarem o banzeiro com suas canoas de brinquedo, vivenciam o que Vasconcelos e Costa (2024) chamam de “territórios educativos da infância ribeirinha”.

Assim, os dados analisados evidenciam que o brincar na natureza não é uma atividade isolada, mas parte integrante do processo de construção de identidades infantis amazônicas. A partir das práticas corporais, das narrativas inventadas e da interação com os elementos naturais, as crianças da Comunidade Betel afirmam sua presença no território e produzem uma cultura lúdica singular, que merece ser reconhecida, valorizada e respeitada.

CONSIDERAÇÕES NEM TÃO FINAIS: VOZES DA INFÂNCIA “EU TAMBÉM SOU NATUREZA”

O estudo realizado buscou compreender como o brincar com a natureza configura formas de pertencimento e produção cultural nas infâncias amazônicas. Por meio da etnografia em movimento, foi possível mergulhar no cotidiano de crianças que interagem com o ambiente natural de maneira criativa, afetiva e culturalmente significativa, revelando uma infância marcada pela forte conexão com o território.

Encerrar esse artigo é, na verdade, não ter condições para finalizar, pois há muito a aprender com as crianças ribeirinhas da Amazônia; então, é abrir novas janelas para olhar e escutar as infâncias amazônicas em sua potência mesmo com tantos desafios enfrentados por elas no período estacional de cheia e seca dos rios. As imagens, os diálogos e os gestos observados nas margens do rio e nos caminhos da mata na Comunidade Betel, mostram que o brincar das crianças ribeirinhas é carregado de sentidos, histórias e aprendizagens que nascem do chão onde elas pisam, do ar que respiram, da água que as banha e da madeira com a qual moldam com as próprias mãos seus brinquedos.

Brincar com a canoa, desafiar os amigos com espadas de madeira, correr descalço pela lama ou inventar batalhas às margens do igarapé não são apenas passatempos comuns. São modos de viver, de conhecer o território e de construir laços com tudo o que as cerca. Cada brinquedo confeccionado, cada corrida pela mata ou cada mergulho no rio é também um ato de afirmação cultural. Como reforçam Silva (2020) e Brito e Marques (2021), essas crianças aprendem com a natureza, com os avós que contam histórias, com os pais carpinteiros que transformam troncos em brinquedos, canoas, barcos, casas e com a própria experiência vivida entre o rio e a floresta.

Ao longo da pesquisa, tornou-se visível que o território da infância na Amazônia não é um espaço fixo, mas um lugar em constante transformação, construído a cada brincadeira, a cada nova narrativa criada coletivamente. O brincar ribeirinho é carregado de afetos, de corporeidade e de memórias que ultrapassam gerações. São saberes que não estão nos livros, mas nas mãos sujas de barro, nos pés molhados no igarapé e nas vozes que ecoam na floresta.

Mais do que interagir com a natureza, as crianças se reconhecem como parte dela. Ao escorregarem no barranco, ao remarem com a pequena canoa ou ao construírem brinquedos com galhos e folhas, elas afirmam, com o corpo, com a palavra

e com a brincadeira: “Eu também sou da natureza... porque eu moro na natureza e brinco na natureza!”. Nesse sentido, as infâncias amazônicas não apenas habitam o território: elas o vivem, o sentem e o transformam com gestos de brincar que são, ao mesmo tempo, práticas de memória, cultura e resistência.

Acredita-se que os resultados deste trabalho possam servir como subsídio para educadores, pesquisadores e gestores públicos, no sentido de construir práticas pedagógicas e políticas que reconheçam o brincar como um direito da criança e como uma expressão legítima da diversidade cultural e ambiental que caracteriza a Amazônia.

Por fim, fica o convite para que novas pesquisas continuem explorando as múltiplas formas de ser criança na Amazônia, reconhecendo que, ao brincar com a natureza, as crianças também estão brincando com suas histórias, suas identidades e com o próprio futuro de sua cultura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Simeia Santos; PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa. Infâncias e crianças ribeirinhas da Amazônia Marajoara: linguagens e práticas culturais. **Revista @arquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 9, p. 104–116, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/P.2318-7344.2016v4n9p104>. Acesso em: 16 abr. 2026.

AZEVEDO, Sidlene Viana Ribeiro. Brincadeiras das crianças ribeirinhas da Amazônia brasileira: aprendizagem cultural e social contribuindo com a aprendizagem escolar. **Educação e Cultura**, 2024. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/802795631/EDU640-PAPER-SDO-2024-12-7-1>.

Acesso em: 16 abr. 2026.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, SP, 1984.

BRITO, Angela do Céu Ubaia; MARQUES, Maria Carolina Henrique. Culturas infantis na Amazônia amapaense: o brincar das crianças e os saberes culturais.

Humanidades & Inovação, v. 8, n. 68, p. 1–25, 2021. Disponível em PDF completo: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7030>.

Acesso em: 16 abr. 2026.

CORSARO, William Arnold. Interpretive Reproduction in Children’s Peer Cultures.

Social Psychology Quarterly, v. 55, n. 2, p. 192–207, 1992. DOI:10.2307/2786944. Disponível em PDF:

https://www.researchgate.net/publication/246515766_Interpretive_Reproduction_in_Children’s_Peer_C Acesso em: 16 abr. 2026.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ERICKSON, Frederic. Descrição Etnográfica. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães (trad.). **Etnografia na educação**: textos de Frederic Erickson. Rio de Janeiro: NetEdu, 2004. p. 02-39.

FIGUEIREDO, Letícia; MORAES, Sérgio. As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos. **Revista Exitus**, Santarém-PA, v. 12, e022005, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357669147_AS_CRIANCAS_E_A_NATUREZA_A_EM_CONTEXTOS_RURAIS_AMAZONICOS. Acesso em: 16 abr. 2026.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedo e brincadeira na educação infantil. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas atuais**, Belo Horizonte, novembro de 2010.

LIMA, Maria de Nazaré Teles de; SOUZA, Francisca das Chagas Martins de. O imaginário infantil da criança ribeirinha: da escola para a vida ou da vida para a escola?. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 60-84, jul. 2021. ISSN 2527-2349. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteirica/article/view/2221>. Acesso em: 16 abr. 2026.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Franca/SP, v. 18, e023141, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 16 abr. 2026.

MALETTA, Ana Paula Braz; SILVA, Jennifer Vaz Barcelar Ferreira Gomes da. A noção de culturas da infância e sua relação com o brincar, com a vivência e com a experiência na educação infantil. **Revista Textura**, Canoas, v. 23, n. 55, p. 415-434, jul./set. 2021. Disponível em PDF: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/5978/4149> Acesso em: 16 abr. 2026.

MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em educação. **Educação em Foco**, Campina Grande, v. 19, n. 28, p. 263-284, ago. 2016. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221> Acesso em: 16 abr. 2026.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches. Brincando de “ser Sateré-Mawé”: contextos lúdicos diversificados como elementos de construção das culturas infantis. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 27, n. 3, p. 191-206, set.-dez. 2016. DOI: 10.14572/nuances.v27i3.4570. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/4570/3667/17026>. Acesso em: 16 abr. 2026.

MÜLLER, Fernanda; SOUSA, Emilene Leite de. Etnografias em movimento: Deslocar-se com as crianças pela cidade. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. e41914, 2023. DOI: 10.15448/1984-7289.2023.1.41914. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/41914> Acesso em: 16 abr. 2026.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania ativa. **Perspectiva**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 17–40, 2005. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9857> Acesso em: 16 abr. 2026.

SILVA, Priscilla Lima da. **Imagens das infâncias nos tempos e espaços do brincar**: um olhar para as crianças da Vila da Felicidade, em Manaus. 2020. 152 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9159> Acesso em: 16 abr. 2026.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos; ALVES, José Moysés. O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 3, p. 374–382, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WqWtrtFvT9yWwG6XtsdqmjF/?format=pdf> Acesso em: 16 abr. 2026.

SILVA, Priscilla Lima da. **Imagens das infâncias nos tempos e espaços do brincar**: um olhar para as crianças da Vila da Felicidade, em Manaus. 2020. 152 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9159> Acesso em: 16 abr. 2026.

VASCONCELOS, Jeyse Sunaya Almeida de; COSTA, Sinara Almeida da. Infâncias e crianças ribeirinhas da Amazônia paraense: brincadeiras reveladas no seu cotidiano como elemento da organização do meio social educativo na educação infantil. **Revista Amazonida**, Manaus, v. 9, n. 1, p. 1–23, mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/12231> Acesso em: 16 abr. 2026.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

O BARRO É DA COR DA MINHA PELE, EU ESCORREGO FORTE E NINGUÉM VÊ: O BRINCAR E AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO DAS CRIANÇAS AMAZONENSES COM A NATUREZA

The clay is the color of my skin, I slip hard and no one sees”: the play and the relationships of belonging of Amazonian children with nature

Elaine Rachel de Oliveira Martins

Mestrado em Educação

Universidade do Estado de Minas Gerais

GEPICE/PPGE

Belo Horizonte, Brasil

elainerachel18@gmail.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-6442-277X>

Ana Paula Braz Maletta

Doutorado em Educação

Universidade do Estado de Minas Gerais

DEPEA/PPGE

Belo Horizonte, Brasil

ana.maletta@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0002-3253-3990>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Copacabana, nº 33, Bairro Novo Aleixo, CEP 69098-290, Manaus, AM, Brasil.

AGRADECIMENTOS

A FAPEMIG por financiar a pesquisa que subsidiou a escrita deste artigo. Às crianças, às famílias, à equipe escolar da comunidade Betel, por ensinarem que os rios também escrevem histórias, que a vida pulsa nos encontros e que cada experiência partilhada transforma quem pesquisa e quem é pesquisado.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: E. R. de O. Martins, A. P. B. Maletta

Coleta de dados: E. R. de O. Martins

Análise de dados: E. R. de O. Martins, A. P. B. Maletta

Discussão dos resultados: E. R. de O. Martins

Revisão e aprovação: A. P. B. Maletta

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pela FAPEMIG- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, tendo como fonte de apoio a concessão de bolsa de pesquisa, Convênio nº 5.37/2021, pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, sob o Número do CAAE: 69486123.1.0000.5525. Data de aprovação: 23 de junho de 2023

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta

licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 29-08-2025 – Aprovado em: 02-05-2026 - Publicado em: 20-08-2026